

***Baccharis*: de filho de Júpiter a vassoura e carqueja: uma visão botânica e etnobotânica histórica e os problemas de produtos comercializados**

Lin Chau Ming*

Professor do Departamento de Produção Vegetal, Setor Horticultura, Faculdade de Ciências Agrônomicas da Universidade Estadual Paulista, Botucatu, São Paulo. *linming2809@gmail.com

Recebido em: 22/02/2022

Aceito em: 17/07/2022

Publicado em: 07/09/2022

DOI: <https://doi.org/10.29327/269504.4.1-18>

RESUMO

Baccharis spp. tem sido utilizada há muito tempo na medicina popular como diurético e para problemas estomacais. De uso popular, passou a ser uma planta amplamente comercializada, e no mercado existe uma grande confusão com os nomes da planta, nas embalagens e no conteúdo vegetal dos produtos vendidos, sendo comum observar espécies diferentes no mercado. Este artigo procura mostrar, a partir de materiais adquiridos no comércio, pesquisa de literatura botânica e etnobotânica histórica, e consulta a exsicatas de herbários, algumas das prováveis razões para que esses produtos comercializados tenham esses problemas. **Palavras-chave:** Carqueja. Comercialização. *Baccharis* sp. Etnobotânica histórica.

***Baccharis*: from son of Jupiter to broom and gorse: a historical botanical and ethnobotanical view and the problems of commercialized products**

ABSTRACT

Baccharis spp. has long been used in popular medicine, as a diuretic and for stomach problems. In popular use, it became a widely commercialized plant, and in the market there is a great confusion on the names of the plant, in the packaging and vegetal content of the products sold, being common to observe different species in the market. This article seeks to show, based on material acquired in trade, research of herbaria vouchers, botanical and historic ethnobotanical literature, some of the probable reasons why these commercialized products have these problems.

Keywords: Carqueja. Trading. *Baccharis* sp. Historical ethnobotany.

INTRODUÇÃO

O uso de plantas medicinais para uso terapêutico tem aumentado muito no Brasil. Há diferentes programas em postos de atendimento primário de saúde, empresas de pequeno e médio porte estão produzindo e comercializando diversas espécies em todo o

País. Devido à grande diversidade vegetal e uma igualmente variada sociodiversidade, os nomes e usos das plantas podem mudar bastante, a depender das regiões brasileiras.

Há uma grande confusão na identificação e no uso popular de plantas do gênero *Baccharis*, conhecida no Brasil por diferentes nomes, dentre eles, carqueja e utilizada para problemas gastrointestinais e diuréticos (BUDEL et al., 2004), e que tem sido comercializada em farmácias e outros estabelecimentos comerciais com diferentes embalagens, imagens nelas impressas, e principalmente, a droga vegetal contida em seu interior. A legislação exige que o nome popular e científico estejam grafados nas embalagens, porém a identificação correta das espécies de *Baccharis* tem sido muito difícil e controversa, devido às diferentes características morfológicas, químicas e genéticas desse grupo (SCHNEIDER et al., 2009). Essa confusão pode gerar problemas sob o ponto de vista de uso, comercialização e de eficácia, podendo inclusive ocorrer intoxicações ou ser totalmente inócuo (BUDEL et al., 2005).

Este trabalho tem por objetivo verificar nos materiais comercializados com o nome “carqueja”, informações sobre os nomes científicos e populares, desenhos, fotos ou pinturas contidos nas embalagens, e os conteúdos vegetais e também fazer uma revisão da história natural do gênero, envolvendo aspectos botânicos, etnobotânicos, históricos e usos dessas plantas, para entender as possíveis razões para esses problemas e oferecer informações e subsídios para mais adequado processo de sua cadeia produtiva.

METODOLOGIA

Foram adquiridos no mercado brasileiro, tanto em farmácias quanto em supermercados e lojas de produtos naturais, materiais vendidos como chás, de diferentes marcas, contendo carqueja. De cada produto, foram verificados os nomes populares e científicos, bem como a existência de desenhos, fotos ou pinturas contidos nos rótulos das embalagens. Foi feita ainda uma análise visual do conteúdo existente desses produtos para identificação da planta, com uso de estereoscópio. Essas informações foram verificadas se atendiam às normas vigentes para sua comercialização (BRASIL, 2005, BRASIL, 2006, BRASIL, 2010).

Foram também feitas pesquisas de exsicatas de espécies de *Baccharis*, em herbários virtuais (Jardim Botânico de Nova York, Missouri Botanical Garden e Tropicos.org), para confirmação de nomes populares em seus locais respectivos de

coletas, bem como literatura botânica e etnobotânica histórica para compreender a origem e história das coletas e dos nomes inseridos nos rótulos das exsiccatas, bem como os locais de coleta.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram adquiridos 22 produtos em mercados, farmácias e lojas de produtos naturais em Botucatu (SP), Curitiba (PR) e Florianópolis (SC). Destes, todos continham os nomes científicos (embora alguns apenas o gênero) e vernaculares da planta e havia nove produtos com desenhos coloridos mostrando plantas, pretensamente da espécie do produto comercializado (Figura 1)

Figura 1 - Embalagens de alguns produtos de carqueja.



(*Baccharis* spp.) comercializados no Brasil

De acordo com a legislação brasileira de fitoterápicos, algumas espécies foram consideradas “chás”, sendo então comercializadas sem a necessidade de cumprir os normativos da RDC 48, de 2004, onde são apresentadas as diferentes exigências para que esses produtos possam ser comercializados, passando ao enquadramento da RDC 267/2006 e 219/2006, com a inclusão da carqueja na lista.

Na RDC 267/2005 é apresentado o regulamento técnico para preparo de espécies vegetais na forma de chás, e também uma lista com espécies vegetais consideradas, a partir dessa resolução, em categoria diferente de medicamento fitoterápico, estando numa faixa mais semelhante a alimento. Nessa lista não está incluída a carqueja, o que somente ocorreu a partir da RDC 219/2006, com uma lista de novas espécies a serem incluídas.

Incluiu-se apenas a espécie *Baccharis genistelloides* (Lam.) Person, sendo a parte usada, suas folhas.

Respeitando-se o normativo de 2006, é fácil entender que somente aquela espécie de *Baccharis* poderia ser comercializada, restringindo o uso de outras espécies do mesmo gênero que também são comercializadas com o nome carqueja, e a própria resolução comete um erro, pois *B. genistelloides*, pertence à seção sem folhas do grupo, possuindo apenas alas. Esse erro ainda não foi corrigido.

Porém, a RDC 10, de 09 de março de 2010, que dispõe sobre notificação de drogas vegetais junto à ANVISA para comercialização, está incluída na lista *B. trimera*, com os nomes de carqueja e carqueja-amarga, e as partes aéreas como parte da planta usada, permitindo a venda desse produto, desde que atendidas as exigências contidas na resolução. Em 13 de maio de 2014 foi instituída pela RDC 26, que dispõe sobre o registro de medicamentos fitoterápicos e registro e notificação de produtos tradicionais fitoterápicos, sem apresentar uma lista das espécies autorizadas, contudo, indicando uma espécie, *B. coridifolia*, como de uso proibido na composição de produtos tradicionais fitoterápicos. Essa espécie é chamada também de “mio-mio” e possui folhas estreitas, lineares, um tanto semelhante a *B. dracunculifolia*, porém mais estreitas.

Assim, é permitida a venda de *B. genistelloides*, como chá (alimento) e também *B. trimera*, desta vez como droga vegetal (medicamento), e apenas essas duas espécies em seus respectivos grupos, causando mais confusão nesse emaranhado regulamentatório.

No conjunto das embalagens analisadas, todas tem o nome científico da planta, pelo menos no que diz respeito ao gênero, porém estão grafados os seguintes nomes: *Baccharis* sp.; *Baccharis articulata*; *Baccharis genistelloides* e *Baccharis trimera*, alguns sem os nomes dos autores dos nomes.

Beltrame et al. (2013), realizaram pesquisa com 12 diferentes marcas de produtos com carqueja comercializadas no Paraná e verificaram que todos continham em suas embalagens o nome popular “carqueja”, porém, apenas metade deles continha o nome da espécie grafado corretamente. No mesmo trabalho, os autores confirmam que em todas as amostras, com a análise visual dos materiais contidos nos produtos comercializados, utilizando estereoscópio, foi possível verificar nas partículas visualizadas, porções com caule cilíndrico e três alas, mesmo sem a possibilidade de serem verificadas partes

vegetais importantes para a correta identificação das espécies do grupo *Trimeria* do gênero, como características das flores masculinas e femininas, das inflorescências e dos pelos, conforme mostrado em BARROSO (1976), mas que segundo os autores, confirmam a espécie como sendo *B. trimera*.

Ocorre que segundo a RDC n.219/2006, a espécie listada é *B. genistelloides*, e há no grupo *Trimeria* outras espécies com três alas e que se confundem bastante com *B. trimera*, como *B. cylindrica* e *B. myriocephala*, por conta das diferenças na disposição dos capítulos florais nos ramos (BARROSO, 1976). Além disso, *B. genistelloides*, var. *cylindrica* (Less.) Baker, 1882 é sinônimo de *B. genistelloides* var. *myriocephala* A.P. De Candolle, 1836 e também de *B. crispa* (Spreng.) Baker, 1882, conforme a mesma autora citada anteriormente.

Também foram encontradas partículas de tamanho muito reduzido, não permitindo verificar se realmente se tratava de carqueja ou se eram de outra espécie, vassourinha, vassoura, mio-mio, alecrim-do-campo (Pio-Correia, 1984), designação popular para *B. dracunculifolia*, que possui caule cilíndrico e folhas lanceoladas estreitas, e muito comum em áreas abandonadas nas regiões Sul e sudeste do Brasil.

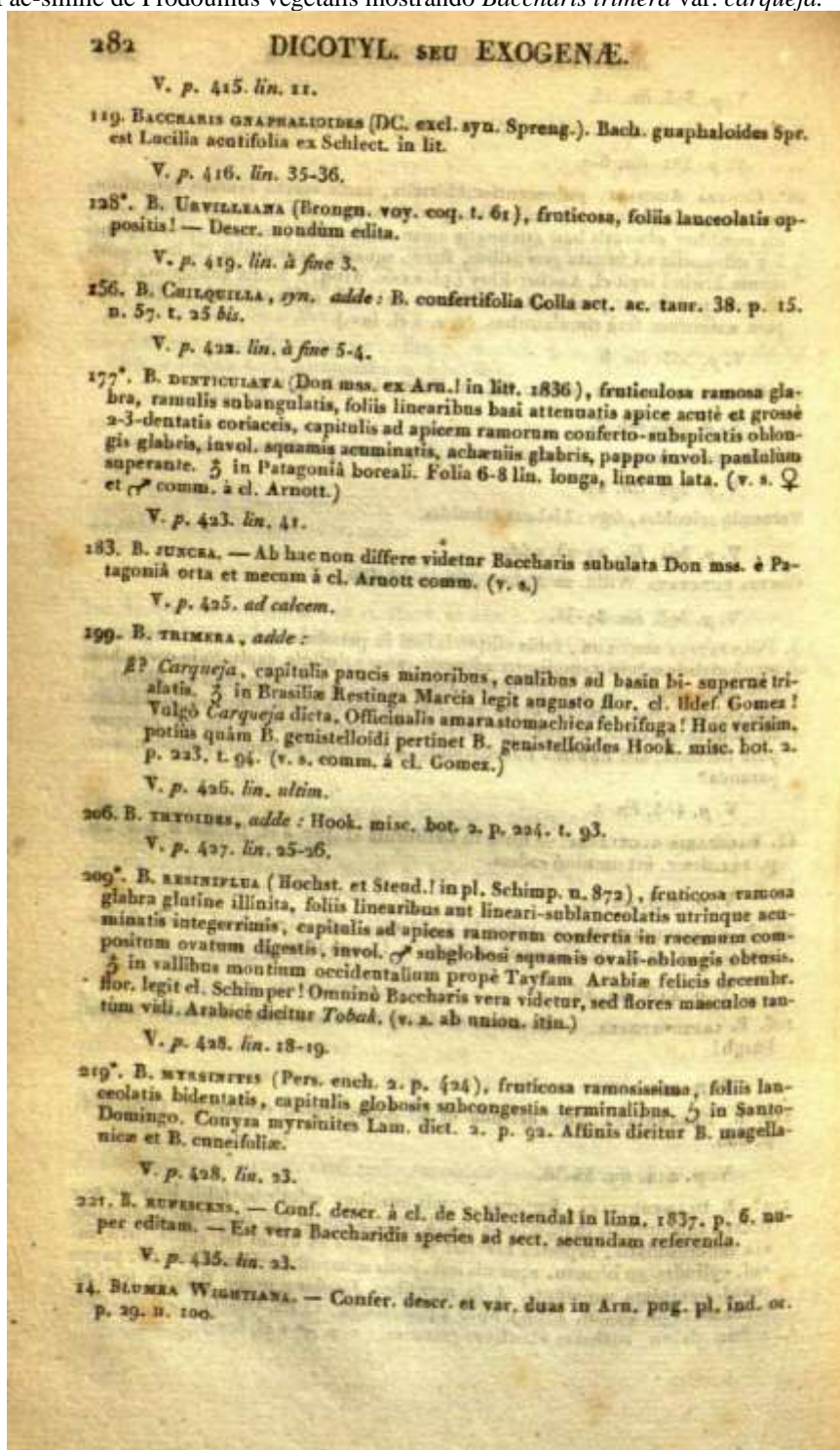
Assim, sem a verificação das outras características morfológicas, não é possível afirmar, com segurança, que se tratam realmente de *B. trimera* nem de *B. genistelloides*. Nas duas amostras onde constava a espécie *B. articulata* como carqueja-doce, foi possível verificar a existência, no material vegetal dentro das embalagens, pedaços de caule com apenas duas asas. Da mesma forma que nas espécies com três asas, há algumas espécies, com apenas duas asas (*B. articulata* e *B. gaudichaudiana*, dentre outras), não sendo possível, apenas com a observação visual, afirmar com segurança, tratar de uma das duas espécies citadas, ou mesmo outra.

Na proposta de reordenamento botânico das espécies, *B. genistelloides* possui várias subespécies e variedades (<https://www.tropicos.org/nameSearch?langid=66>) e também sinônimas botânicas que dificultam sua identificação. *Baccharis trimera*, outro nome de carqueja contido nas embalagens, é sempre confundido com *B. genistelloides* e mesmo entre os especialistas há uma grande dificuldade em determinar qual planta pertence a um ou outro taxon.

É possível verificar em literatura do site citado anteriormente, que *B. trimera* (Less.) DC. possui como sinonímia *B. trimera* (Less.) DC. var. *trimera*, 1882 e *B. genistelloides* var. *trimera* (Less.) Baker.

Há ainda, em pesquisa no site do IPNI – International Plant Name Index, uma espécie que não é verificada no site anteriormente citado, *B. trimera* var. *carqueja* DC. 1838 (<https://www.ipni.org/?q=baccharis%20trimera%20var.%20carqueja>) e confirmado no site do REFLORA (Plantas do Brasil 2020), como sendo sinônimo heterotípico de *B. crispa* Spreng. 1826. Porém, essa informação apresenta dúvida para o seu entendimento, pois na publicação de De Candolle não está explicitamente expresso o símbolo gráfico de variedade para esta espécie, conforme pode ser observado na Figura 2, abaixo:

Figura 2 - Fac-simile de Prodoumus vegetalis mostrando *Baccharis trimera* var. *carqueja*.



Esta, por sua vez, tem sinonímia de *B. genistelloides* var. *crispa* (Spreng.) Baker 1882 e *B. genistelloides* subsp. *crispa* (Spreng.) Joch. Mull. 2006, mostrando as alterações havidas em sua classificação e a dificuldade para fazer sua correta identificação (<http://reflora.jbrj.gov.br/reflora/listaBrasil/ConsultaPublicaUC>).

Em publicações mais recentes, o gênero *Baccharis* passou por revisões taxonômicas que exigem estudo mais pormenorizado que associe as características morfológicas, químicas e genéticas das espécies.

Budel et al., (2004) verificaram que *B. articulata*, conhecida como carqueja-doce, apresentou índice de amargor (teor de brucina) maior do que *B. trimera*, conhecida como carqueja-amarga, sendo uma aparente contradição relacionada aos nomes populares e que *B. gaudichaudiana*, possuía teores mais baixos de amargor, devido à presença de compostos doces e neutros.

Schneider et al., (2009) apresentaram as características da seção *Caulopterae* do gênero e a descrição de suas espécies e também mostrou as variações micromorfológicas de partes vegetais, e uma análise cladística do grupo, com um novo enquadramento sistemático.

Heiden (2014) propõe um reagrupamento dos subgêneros e seções de *Baccharis*, mostrando o grau de particularidades que esse gênero tem, não somente dificultando sua identificação, como também propiciando novas formas de análise e classificações.

Como a RDC talvez não tenha se preocupado com essa verticalização e especificidades das informações botânicas/sistemáticas acerca da carqueja, parece que essas diferenças não são levadas em conta, por necessitar de um estudo mais detalhado e especializado, ou por desconhecimento dos técnicos/pesquisadores consultados ou envolvidos.

Com relação ao nome vernacular, observou-se: carqueja e carqueja-doce, sendo esta última referente a duas embalagens que continham o nome científico *Baccharis articulata*. Nas outras embalagens estavam impressos os nomes científicos de várias maneiras: *Baccharis*, *Baccharis* sp. *Baccharis genistelloides*, *Baccharis genistelloides* (Lamarck) Persoon, *Baccharis genistelloides* (Lam.) Persoon, *Baccharis genistelloides* Persoon e *Baccharis trimera*, mostrando a falta de critério para a grafia do nome correto das espécies.

Na questão dos nomes vernaculares, o problema persiste, pois suas variações ocorrem diante da sociodiversidade brasileira (e de outros países) e vários nomes podem ser usados para a mesma espécie ou ainda várias espécies com um mesmo nome. Assim, a designação “carqueja” é genérica, usada de modo amplo para espécies de *Baccharis* com asas, independentemente de seu número. Já “carqueja-doce”, é usada para *Baccharis*

com duas asas, e neste caso, poderá haver confusão entre duas das principais espécie com essa característica, *B. articulata* e *B. gaudichaudiana*, cujas diferenças morfológicas estão no comprimento e largura dos artículos e nas características de suas flores, incluindo as relacionadas ao estilete e corola (BARROSO, 1976). Carqueja-doce pode se referir a mais de uma espécie e na análise visual dos fragmentos estudados, não foi possível concluir sua correta identificação. Contudo, Schneider et al., (2009) em estudo de revisão taxonômica do gênero, consideram as duas designações botânicas como sendo sinônimas, diferentemente dos autores mais antigos, deixando mais complicada a análise dos materiais vegetais.

Além disso, foi verificado que três embalagens incluíam nomes comerciais dos produtos, sendo “karque-jan” e “carque-bel” e “coscarque”, com palavras foneticamente semelhantes ao nome vernacular mais utilizado no Brasil.

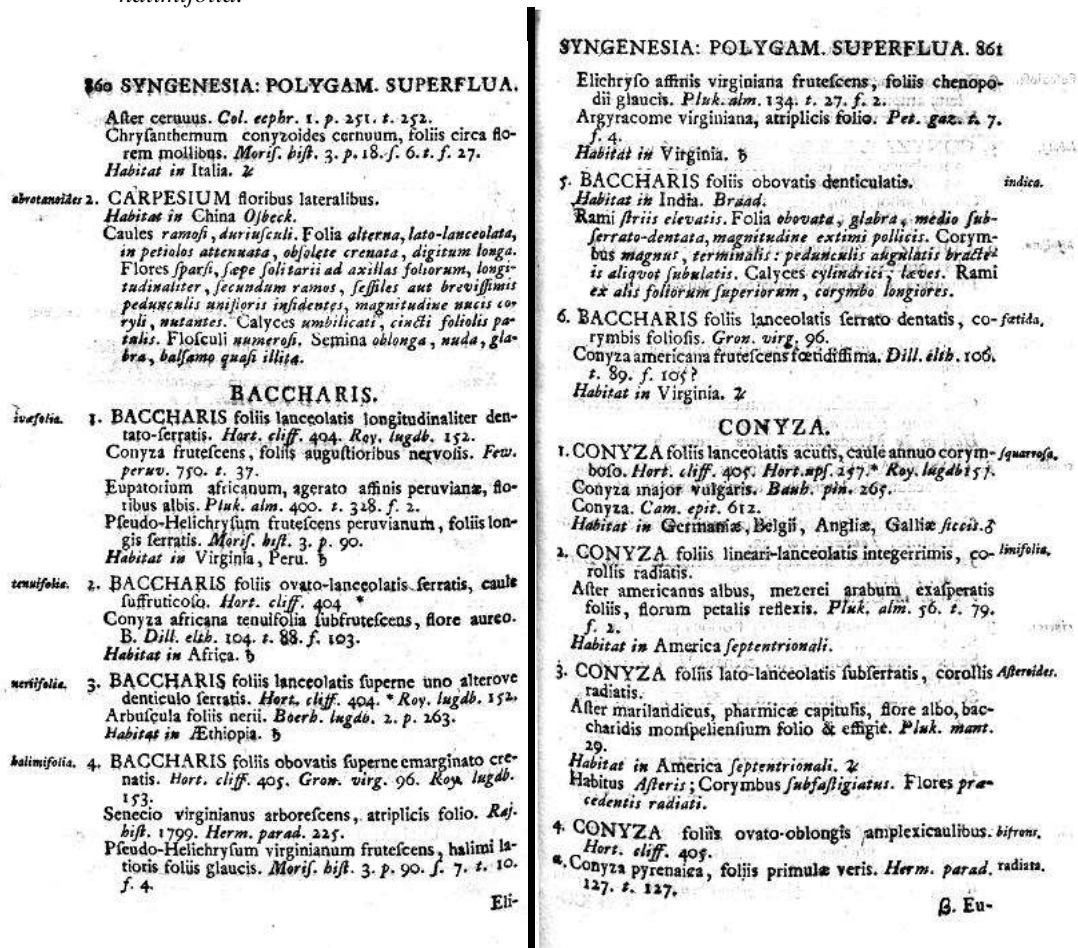
Em todos os itens das RDC citadas, não há notificações sobre a proibição de ser inserida fotografia, desenho ou pintura das plantas comercializadas. Na RDC 48/2004, as normas colocam como exigência nos rótulos, a inserção obrigatória de várias informações, mas não há orientações sobre essa presença. Assim, conclui-se que, em sendo facultativa, e não proibida, então, a inclusão dessas características visuais nas embalagens é aceita como legal, ficando as empresas com o direito de inseri-las ou não.

Como foi observado, algumas empresas optaram pela inserção, motivada muitas vezes por aspectos visuais, comerciais e de marketing desses produtos, sem haver a correspondência com a espécie vegetal mostrada nas embalagens com os conteúdos vegetais existentes nos produtos comercializados, podendo causar problemas de várias ordens, como reconhecimento botânico, adulteração, não eficácia, origem, etc., conforme já observado na Figura 1.

Sob o ponto de ponto de vista botânico, podem haver diversas razões para que essa confusão exista. Uma das razões pode estar associada ao seu grande número de representantes. O gênero *Baccharis* compreende mais de 1000 espécies (TRÓPICOS, 2008), distribuídas pelo continente americano. No Brasil, estima-se que ocorram mais de 180 espécies (HEIDEN, 2014). Outra razão está vinculada à sua grande variação morfológica, apresentando espécies com folhas, sem folhas e também sem folhas com caule alado. O número de asas também pode variar (BARROSO, 1976).

O gênero *Baccharis* possui como espécie designadora, *Baccharis halimifolia* L. Segundo Linneu (1753), em sua obra *Species Plantarum 2*, o habitat é Virgínia, Estados Unidos. Apresenta informações em seu protótipo como *Senecio virginianus arborescens*, *Atriplex folio* e *Follis chenopodii glauca* (Figura 3). Essas informações remetem à região de ocorrência (*virginianus*), um dos estados norte americanos (Virgínia), seu hábito arbóreo ou se tornando com esse hábito (*arborescens*) (STEARNS, 1992, HYAM; PANKURST, 1993), sua semelhança com folhas de chenopodiáceas, *Atriplex* e *Chenopodium* (*Atriplex* e *chenopodii*) (JACKSON, 1928) e a coloração das folhas azul-esverdeada (*glauca*) (STEARNS, 1992).

Figura 3 - Fac-símile das páginas em *Species Plantarum 2* mostrando informações sobre *Baccharis halimifolia*.



O termo *Baccharis* deriva de Bacchus, filho de Júpiter e Semale, Deus do Vinho, em referência à mitologia grega (Figura 4), onde Dionísio organizava eventos festivos regados a essa bebida (HEALEY, 1972, HYAM; PANKHURST, 1993, STEARNS, 1994)

Figura 4 - Imagem de Dionísio, rei do vinho, em litografia antiga, de domínio público.



E o epíteto específico *hamilifolia*, folha semelhante a *Atriplex halimifolium* (JACKSON, 1965, PLOWDEN, 1970)], uma chenopodiácea que tem uma característica organoléptica especial nas folhas, que, por se desenvolver em áreas próximas ao mar (do grego *halima*, relativo ao mar), absorve os sais contidos na água, principalmente o cloreto de sódio, e seus tecidos são salgados, em especial suas folhas, que também tem o bordo serrado, o que faz disso, uma semelhança morfológica entre as duas plantas de famílias botânicas distintas (COOMBES, 2002).

Essa semelhança é facilmente observada nas exsicatas depositadas no herbário do Jardim Botânico de Nova York, mostradas abaixo (Figura 5):

Figura 5 - a) Exsicata coletada, em outubro de 2001 em Glynn County, Georgia, EUA; b) exsicata coletada, em setembro de 1898 em Eastern Long Island, Nova York, EUA.



Além disso, recebe o nome comum em inglês de “purslane tree”, em referência à textura mais crassa de suas folhas, semelhante a *Portulaca oleracea*, denominada de “purslane” (SMITH, 1996).

O gênero *Baccharis*, desde sua designação por Lineu, recebeu um grande número de revisões botânicas, que a dividiram em outros gêneros, e dentro do gênero, em diferentes seções, e entre as espécies também foram realizadas novas designações infraespecíficas, dada a complexidade das características morfológicas dos ramos, folhas e flores (BARROSO, 1996; BUDEL et al., 2000). A primeira autora, estudiosa do grupo, manteve a característica de diagnose “presença ou ausência de alas no caule e ramos” no gênero, já proposta desde De Candolle em 1836.

De acordo com Séguier (1966), carqueja, substantivo feminino, designa “planta faseolácea que serve de acendalha e no Brasil designa planta asterácea”. Em Dicionário Escolar (2011), o verbete tem o mesmo significado. Assim, é possível verificar que em dicionários mais modernos de Portugal já foi inserida a palavra para designar a espécie sul americana, juntamente com a espécie leguminosa europeia.

Em espanhol, segundo Almoyna (1977), o verbete “carquexia” significa “substantivo feminino relativo à botânica, carqueja, erva medicinal de que há várias espécies, abunda muito na Galiza”, referindo-se, obviamente, à espécie europeia de leguminosa e sua derivação fonética referentes à pronúncia da letra “j” em castelhano.

Além do mais, os nomes populares de plantas portuguesas foram também adaptados para espécies encontradas no Brasil, a partir da colonização. As primeiras citações de literatura sobre o gênero também podem ter ajudado a potencializar essa confusão. Serão tratados alguns aspectos pertinentes a cada um desses fatores, baseados em informações botânicas e etnobotânicas/etnofarmacêuticas.

Quando o gênero foi descrito por Linneu, em 1753 (*Species Plantarum*, 2:860-861) ele utilizou como espécie diagnose, *Baccharis halimifolia*, espécie que ocorre nas Américas do Norte e Central e cujo tipo foi coletado na Virgínia. O nome do gênero deriva de *Bacchus*, deus do vinho, filho de Júpiter e Semale.

O motivo de tal associação seria o uso que faziam das raízes dessa espécie para adicionar ao vinho, devido ao seu amargor (Smith, 1963). Desse amargor deriva também o uso da planta no lugar de losna, *Artemisia absinthium*, espécie utilizada com fins

medicinais e também para temperar vinhos e fazer a bebida absintio, esta de alta concentração etílica e potencialmente tóxica (Chernoviz, 1890).

Dentre os nomes anteriores citados em *Species Plantarum*, há *Senecio virginianus arborescens* e *Elichyso affinis virginiana frutescens*, respectivamente, referindo sem ao local de ocorrência desta espécie e seu hábito que pode variar de arbustivo até arbóreo e também indicando haver *atriplicis folio* e *foliis chenopodii glauca*, ou seja folhas semelhantes a dois gêneros atuais de *Chenopodiaceae*, uma delas que tem como característica, as folhas amargas, além da semelhança morfológica de suas folhas, com bordos crenados.

B. halimifolia é uma espécie com dimorfismo foliar bastante forte, dependendo das características do ambiente e de suas fases de desenvolvimento, conforme foi verificado na Figura 5A. Suas folhas quando em fase mais nova, se aparentam com as chenopodiáceas citadas, com bordo crenado e quando em fase mais desenvolvida, são lanceoladas mais estreitas, semelhante a *B. dracunculifolia*.

As folhas da fase mais adulta de *B. halimifolia*, bem como suas inflorescências, são, à vista mais geral, bem semelhantes às de *B. dracunculifolia*, espécie de ampla ocorrência em diferentes regiões brasileiras (Figura 6), e que tem os nomes populares de “alecrim-do-campo”, “mio-mio” ou “vassourinha” (Pio-Correa, 1984). Isso pode explicar a semelhança na figura de uma das embalagens vendidas no mercado das carquejas.

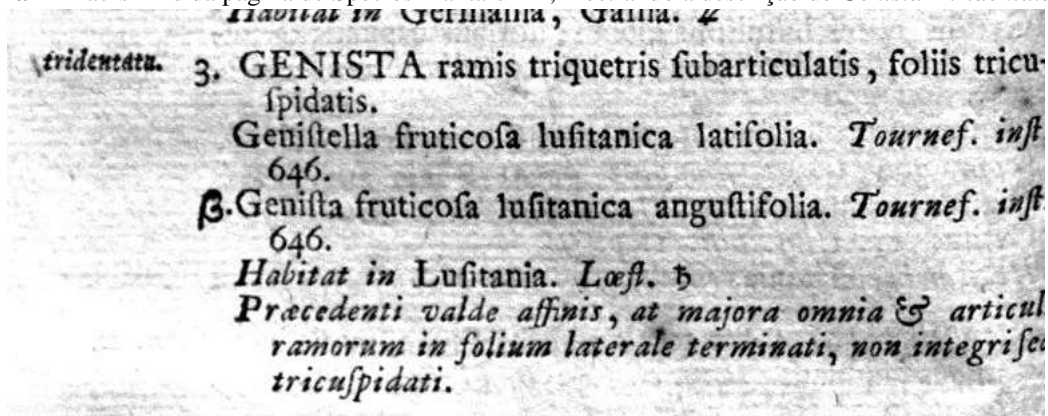
Figura 6 - Exsicata de *B. dracunculifolia* coletada em Curitiba, PR, mostrando semelhança foliar e floral com *B. halimifolia*.



Mas, o nome carqueja é usado para essas plantas encontradas nas Américas?

À época do botânico sueco já havia uma planta européia, encontrada mais precisamente na península Ibérica, chamada *Genista tridentata*, (Leguminosae), cuja característica morfológica bastante marcante é a existência de caule 3-alado e que a população da região já há usava como tônico e diurético. Essa espécie está descrita em *Species Plantarum* 2, 1753 (Figura 7).

Figura 7 - Fac-simile da página de *Species Plantarum* 2, mostrando a descrição de *Genista tridentata*.



Posteriormente recebeu os nomes de *Pterospartum tridentatum* (L.) Willk., 1880, *Genistella tridentata* (L.) Sampaio (Flora de Portugal, 1911) e *Chamaespartium tridentatum* (L.) P.Gibbs, 1968 (Feddes Repertorium, 1968) (Figura 8).

Como se vê, todos adotam o basônimo *Genista tridentata*, conforme regra da nomenclatura botânica, no caso de haver alteração do taxon.

Figura 8 - *Chamaespartium tridentatum* (L.) P. Gibbs em floração; observar caule alado.



O nome popular desta espécie? Carqueja. A exsicata coletada em 1840 em Portugal mostra o nome vernacular em sua etiqueta, como pode ser visto na figura abaixo (Figura 9):

Figura 9 - Exsicata de *Genista tridentata* coletada em Portugal mostrando nome vernacular “carqueja” em destaque na etiqueta.



Essa espécie tem como região de ocorrência, a parte norte de Portugal e a região norte da Espanha até fronteira com a França (Font-Quer, 1993). Nesses países ibéricos, segundo o mesmo autor, recebem nomes de carquesia, carqueija, carqueixa, carqueixa, carquisia e carquesa, e além do uso medicinal, é usada para alimentar ovelhas e para fazer fogo. Essa última informação é contida também em Azevedo (1918) em Portugal, sendo “tipo de vassoura que acendia um fogo” e em Aulete (1948) que diz ser uma planta silvestre da família das Leguminosas (*Genista tridentata*) que nasce nos terrenos arenosos e é usada para inflamar materiais combustíveis. No dicionário Lello (2011) consta como carqueja, planta faseolácea do mato de Portugal, asterácea.

Peer et al., (1959) indica que o termo carquexia significa uma espécie de vassoura medicinal (medicinal broom), referindo-se a alguma *Baccharis* com folhas. Almoyna, (1977) descreve carqueixa ou carqueja, erva medicinal que há várias espécies e que abundam muito na Galizia. No Diccionario de la Lengua Española (1986) consta carquesia como planta medicinal papilionácea, parecida com retama, que, segundo Font-Quer, (1993) são espécies de *Genista*.

Assim, confirmam-se os diferentes nomes semelhantes ou igual a carqueja, espécies leguminosas que possuem caule alado, com ocorrência na península ibérica e se estendendo até a França. E espécies assemelhadas já eram citadas no século XVI, no livro História geral das Plantas (GERARD, 1975) e um dos nomes vernaculares, em inglês antigo, para algumas *Genistella*, era, dentre outros, broome, ou seja, vassoura. Theophrastus, em seu livro “Enquire into plants” (Theophrastus, 1999) no século III antes de Cristo, igualmente já referenciava espécie de *Genista* como broom, na tradução americana da obra.

Em pesquisa iconográfica, foi possível também obter fotografias antigas de coletores de carqueja em Portugal, sem data precisa, mas parecendo do final do século XIX, início do século XX (Figuras 10 e 11), mostrando características históricas locais dessa atividade e dando boas indicações para se verificar que a planta mostrada era a europeia, pois é possível observar ramos com folhas. A primeira foto é referida como sendo da região de Chaves, ao Norte de Portugal e que faz fronteira com a Espanha. Na segunda foto não é possível ter informações sobre o local.

Figura 10 - Homem transportando carqueja na região de Chaves, Portugal, s.d., domínio público.



Figura 11 - Mulher transportando carqueja em Portugal, s.d., domínio público.



Além disso, literatura portuguesa mais antiga indica esse nome para aquela planta da família das leguminosas e não o da asterácea sul americana. É possível observar essa informação em Azevedo (1918), que expressa carqueija como “tipo de vassoura que acendia um fogo”, em Torrinha (1939), que indica carqueja como a planta *Genistella tridentata*, Samp e em Font-Quer (1993). Observa-se que apenas em literatura em época de maior contato e acesso às plantas brasileiras, o termo “carqueja” aparece em literatura portuguesa referindo-se a *Baccharis*, como Chernoviz (1996), que apresenta produtos farmacêuticos, vegetais, naturais ou sintéticos, de origem europeia e brasileira. Conforme Guimarães (2005), os manuais de medicina popular do Dr. Chernoviz foram essenciais na difusão de saberes e práticas aprovados pelas instituições médicas oficiais para regiões rurais do Brasil imperial.

Assim, essas informações, que incluíam os nomes populares de plantas brasileiras, puderam ser divulgadas de maneira mais ampla, à época, incluindo outras publicações como a de Araújo e Lucas (1930), e posteriormente, a palavra carqueja ainda é referenciada como espécies de *Baccharis* (PENNA, (1946), LIMA; BARROSO, 1951, FERREIRA, 1986, LAROUSSE CULTURAL, 1999).

Sobre a carqueja encontrada no continente americano, do gênero *Baccharis*, recebeu de seus povos originários, diferentes nomes vernaculares, a depender de suas características culturais, vistos a seguir.

Di Domenico, estudioso da língua Tupi, em seu dicionário (DI DOMENICO, 2008), indica o verbete “jaguetê cáá” ou “jaguetekaá” para carqueja. No Paraguai, em guarani, é conhecida por jaguetê ka’a, ou seja, em tradução livre, mato ou planta da

onça (SORIA, 1993) e em espanhol, carqueja, ou seja, a pronúncia espanhola da palavra portuguesa (ALMOYNA, 1977). Seu uso também confirma o uso português, para problemas de fígado, vesícula, estomacal, rins e como anti-reumático.

Na Argentina, o nome vernacular recente é carqueja, mostrado em um livro sobre medicamentos herbáricos do centro-oeste daquele país (Gianello et al., 2000), com a adoção da palavra em português.

Na Bolívia, é conhecida como karqueja ou kimza k'uchu (Justo-Chipana, 2015), a esta primeira derivação fonética hispânica da palavra e a última, em linguagem Aymara, e os mesmos nomes são encontrados no Peru (JUSTIL et al., 2010). Em coletas mais recentes, o nome carqueja também é usado, conforme é verificado na Figura 12.

Os nomes citados, tanto no Paraguai quanto na Bolívia se referem a *Baccharis* sem folhas. Para as com folhas, na Bolívia é conhecida como chilcaka (em aymara e quéchua) (ORTIZ; VEJA, 2011), assim como no Equador, conhecida como “chilca” (CAÑAS, 2014).

Figura 12 - Exsicata de *B. genistelloides* coletada no Peru, mostrando nome vernacular “carqueja”.



Na vizinha Argentina, recebe os nomes de carqueja, para *B. trimera*, podendo receber outros nomes, dependendo da espécie (MARZOCCA, 1997).

A designação por nomes em linguagem própria da cultura, associada com variações fonéticas das palavras em português, indica, com toda a certeza, que a palavra carqueja tem sua origem em Portugal e acabou sendo adotada por aqui. Essa situação pode ser comprovada em dicionários de língua portuguesa, editados em Portugal, onde esse verbete aparece se referindo à planta europeia.

Ou seja, o nome conhecido no Brasil foi introduzido pelo país que o colonizou e como uma forma de dominação, estabeleceu-se uma palavra portuguesa para se designar uma espécie brasileira, associando também, a partir de então, o uso terapêutico dado pelos portugueses.

A razão para isso está bastante clara, pelo menos para uma parte das *Baccharis*, a seção que De Candolle designou como possuindo caule alado (De Candolle, 1836), podendo ser, como a prima botânica distante, em número de 2 ou 3 asas. Além de carqueja, a planta ibérica era conhecida também como carqueija, carquejinha ou flor de carqueija, devido à parte usada poder também ser a flor, além dos ramos (FONT QUER, 1993).

Assim, pode se explicar, historicamente, a inclusão de desenhos com cores bem vibrantes, das flores de leguminosas existentes nas embalagens do produto comercializado no Brasil, como pôde ser visto na Figura 1. Mas não se justifica sob o ponto de vista farmacêutico, uma vez que o conteúdo desses produtos é basicamente constituído de ramos de *Baccharis* da seção *trimera*, triturado em diferentes tamanhos.

Nos trabalhos de naturalistas europeus que vieram ao Brasil e fizeram referências à carqueja, estes já se referem à planta americana. Guilherme Piso, em seu livro *De Medicina Brasiliensi* (PISO, 1648), anota informações sobre as designações “basoura” e “basourinha”, variações fonéticas de palavras atuais “vassoura” e “vassourinha”, que no texto citado de Piso, se referem a *Baccharis* sp. e *Scoparia dulcis*, sendo esta última, da família Scrophulariaceae, também chamada de tupeijava, a primeira para fazer vassoura e a segunda com finalidades medicinais.

“Nada cresce mais comumente em toda a parte, pelos caminhos, do que a Basoura, com a qual os pretos costumam varrer as casas de seus donos. Uma outra, que lhe é afim,

mas menor e chamada Basourinha, aplicada a fins muito superiores pelos médicos experimentados, é chamada pelos índios de Tupeicava” (PISO, 1648).

Martius, em sua obra, *Materia medicae vegetabilis brasiliensis*, (MARTIUS, 1843) afirmou que eram enquadradas na categoria “amarga aromática” as seguintes espécies: *Baccharis triptera* (menda typogr. trimera), carqueja, carqueja amargosa, quina de condamine (Quinografia Portuguesa, tomo 6), cacália amarga (ibid tomo 7) e *Baccharis gaudichaudiana*, *Baccharis articulata*, *Baccharida tripteram* e *Baccharida ochraceam*. Observa-se que há um erro tipográfico em *B. triptera*. Não há esse epíteto específico no gênero *Baccharis*, conforme consulta em Tropicos e IPNI e Flora do Brasil. Esse erro é também observado em obras posteriores (CRUZ, 1985), que mantêm a informação equivocada, aumentando a confusão nas nomenclaturas botânicas.

Pode-se observar que as carquejas brasileiras já eram utilizadas para preparados medicinais em Portugal.

Já Pio Correa, em sua obra, *Dicionário das plantas úteis do Brasil e exóticas cultivadas* (Correa, 1984) designava *B. dracunculifolia* como vassoura, vassourão, vassourão branco, alecrim, alecrim do mato, mio-mio, tupeçaba e a palavra carqueja para espécies de *Baccharis* sem folhas. Observar que o designativo “tupeçava” é indicado para diferentes espécies de *Baccharis*, tanto do grupo com folhas quanto do grupo sem folhas.

Segundo o livro *Plantas Medicinais do Brasil*, de Lorenzi e Mattos (2008), algumas espécies de *Baccharis* recebem os nomes de carqueja, carqueja do mato, bacárida, cacália, condamina, quina de condamine, tiririca de babado, carqueja amargosa, carqueja amarga, bacanta, bacorida, carque, cacália amarga e vassoura. Cada uma dessas designações pode ter uma explicação, são variações regionais brasileiras e talvez algumas tenham vindo também de Portugal.

CONCLUSÃO

As características botânicas de *Baccharis* são bastante complexas e os botânicos fazem atualizações taxonômicas com frequência. O estudo histórico e etnobotânico das plantas desse gênero, bem como de outros, mesmo de outras famílias botânicas mostram um pouco dos vieses que podem causar em situações concretas dos produtos e ajudam a entendê-las com mais detalhes. Os resultados mostram que os produtos comercializados

no Brasil com o nome “carqueja” possuem conteúdos de diferentes espécies de *Baccharis* e suas embalagens apresentam muitas imprecisões botânicas, nomenclaturais e gráficas que causam problemas para os consumidores, podendo mostrar nomes científicos errados e desenhos que também não correspondem às espécies indicadas e então serem consumidos produtos que não correspondem aos materiais vegetais indicados nas embalagens.

REFERÊNCIAS

- ALMOYNA, J. M. **Dicionário de espanhol-português**. Porto: Porto Editora Ltda, 1977, 1058 p.
- ARAÚJO, S.; LUCAS, V. **Catalogo de extractos fluidos**. Rio de Janeiro: Silva Araújo, 1930, 185 p.
- AULETE, F. J. C. **Dicionário contemporâneo da língua portuguesa**, 3. ed. Lisboa: Parceria Antônio Maria Pereira, 1948, 1418 p.
- AZEVEDO, D. **Grand dictionnaire contemporain Portugais-Français**, Lisbonne: Parceria Antonio Maria Pereira, 1918, 1107 p.
- BARROSO, G. M. Compositae – subtribo *Baccharidinae* Hoffmann – estudo das espécies ocorrentes no Brasil, **Rodriguésia**, n. 40, p.1-281. 1976.
- BELTRAME, F. L.; FERRONI, D. C.; ALVES, B. R. V.; PEREIRA, A.V.; ESMERINO, L. A. Avaliação da qualidade das amostras comerciais de *Baccharis trimera* L. (Carqueja) vendidas no Estado do Paraná **Acta Scientiarum. Health Sciences**, v. 31, n. 1, p. 37-43, 2009.
- BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE, Agência Nacional de Vigilância Sanitária, **RDC n. 219 de 22 de dezembro de 2006**. Brasília: MS, 2006.
- BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE, **RDC 267 DE 2005**. Brasília: MS, 2005
- BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE, **RDC 48 DE 2004**. Brasília: MS, 2004.
- BUDEL, J. M.; DUARTE, M. R.; SANTOS, C. A. M. Parâmetros para análise de carqueja: comparação entre quatro espécies de *Baccharis* spp. (Asteraceae) **Revista Brasileira de Farmacognosia**, v. 14, n. 1, p. 41-82, 2004.
- BUDEL, J. M.; DUARTE, M. R.; SANTOS, C. A. M.; FARAGO, P. V.; MATSEMBACHER, N. I. O progresso da pesquisa sobre o gênero *Baccharis*, Asteraceae: I - Estudos botânicos, **Revista Brasileira de Farmacognosia**, v. 15, n. 3, p. 268-271, 2005.
- CAÑAS, D. S. F. **Estudio de la acción hipoglucemiante y desinflamatoria de la chilca (Baccharis latifolia) en la Provincia de El Oro**. 2014, 106 f. Tese (Doutora em Botânica) - Universidad Técnica de Machata, Equador, 2014.
- CHERNOVIZ, P. L. N, **Dicionário da Medicina Popular e das Ciencias Acessorios**. 7. ed. Pariz: A. Roger & F. Chernoviz, 1890, 1276 p.
- CHERNOVIZ, P. L.N. **A grande farmacopeia brasileira: um guia das plantas medicinais brasileiras**, 1º. V. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1996, 728 p.
- COOMBES, A. J. **Dictionary of plants names**. Oregon: Timber Press, 2002, 195 p.

- CRUZ, G.L. **Dicionário das plantas úteis do Brasil**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1985, 599 p.
- DE CANDOLLE, A. P. **Prodomus systematis naturalis: regni vegetabilis, sive enumeratis contracta**. 5. ed. Paris: Treuttelle & Wurtz, 1836, 706 p.
- DICCIONARIO DE LA LENGUA ESPAÑOLA. Espanha: **Ediciones Castell**, 1986, 1051 p.
- DICIONÁRIO LELLO ESCOLAR. **Novo dicionário ilustrado da língua portuguesa**. Porto: Lello Editores, 2011, 1434 p.
- DI DOMENICO, H. **Léxico Tupi-Português**: com aditamento de vocábulos de outras procedências, UNITAU, Taubaté, 2008, 1081p.
- FERREIRA, A. B. H. **Dicionário Aurélio básico da língua portuguesa**. São Paulo: Editora Nova Fronteira, 1995, 687 p.
- FONT QUER, P. **Plantas medicinales: el dioscorides renovado**, tomo II, Barcelona: Editorial Labor, S.A., 1993, 636 p.
- GERARD, J. **The herbal or general History of plants**. New York: Dover Publications, 1975, 1630 p.
- GIANELLO, J. C.; CEÑAL, A.; GIORDANO, O. S.; TONN, C. E.; PETENATTI, M. E.; PETENATTI, E. M.; DEL VITO, L. A.; Medicamentos herbários em el centro-oeste argentino, II – carqueja: control de calidad de las drogas oficiales y substituintes. **Acta Farmaceutica Bonarenses**, v. 19, p. 99-103, 2000.
- GUIMARÃES, M. R. C. Chernoviz e os manuais de medicina popular do Império. **História, Ciência, Saúde**, v. 12, n. 2, p. 501-514, 2005.
- HEALEY, B. J. **A gardener's guide to plants names**. New York: Charles Scribner's Sons, 1972, 284 p.
- HEIDEN, G. **Sistemática de Baccharis (Asteraceae: Asterae)**. 1995, 373 f. Tese (Doutorado em Botânica) - Instituto de Biociências – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.
- HYAM, R.; PANKHURST, R. **Plants and their names: a concise dictionary**. Edinburg: Oxford University Press, 1995, 545 p.
- JACKSON, B.D. **A glossary of botanic terms with their derivation and accent**. 4th ed. London: Gerald Duckworth & Co. 1065, 481 p.
- JUSTO-CHIPANA, M.; MORAES, M. R. Plantas medicinales comercializadas por las chifleras de La Paz y El Alto (Bolivia). **Ecologia en Bolivia**, v. 50, n. 2, p. 66-91, 2015.
- JUSTIL, H., ARROYO, J., VALENCIA, J. Extracto etanólico de Baccharis genistelloides (Carqueja) sobre el câncer de colon inducido com 1,2-dimetilhidrazina em ratas. **Anales de la Facultad de Medicina**, v. 71, n. 2., p. 88-96, 2010.
- ENCICLOPEDIA. **Larousse cultural**. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1999, 928 p.
- LIMA, W.; BARROSO, G. **Pequeno dicionário da língua portuguesa**, 9. ed. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S/A. 1951, 1308 p.
- LINNEAUS, C. **Species Plantarum**, Imprentii Laurentii Salvii, 1753, 640 p. v. 2
- LORENZI, H.; MATOS, F. J. A. **Plantas medicinais no Brasil: nativas e exóticas**. Nova Odessa: Editora Plantarum, 2008, 544 p.

- MARZOCCA, A. **Vademécum de las malezas medicinales de la Argentina: indígenas y exóticas**, Buenos Aires: Orient Gráfica Editor, 1997, 363 p.
- ORTIZ, L. S., VEJA, G. R. A. Uso de *Baccharis latifolia* (chilca) en La Paz, Bolivia. **Biofarbo**, v. 19, n. 1. p. 59-63, 2011.
- PEERS, E. A.; BARRAGÁN, J. V.; VINYALS, F. C.; MORA, J. A. **Cassell's Spanish Dictionary**. New York: Funk & Wagnalls, 1959, 1477 p.
- PENNA, M. **Dicionário brasileiro de plantas medicinais**. 3, ed. Rio de Janeiro: Livraria Kosmos Editora, 1946, 409 p.
- PIO-CORREA, M. **Dicionário de plantas úteis do Brasil e exóticas cultivadas**. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Defesa Vegetal. 1984, 707 p. v. 2.
- PISO, G. **História natural e médica da Índia Ocidental**. Rio de Janeiro, 1957.
- PLOWDEN, C. C. **A manual of plants names**, 2. ed. New York: Philosophical Library, 1970, 260 p.
- SCHNEIDER, A. A., HEIDEN, G. BOLDRINI, I. I. Notas nomenclaturais em *Baccharis* L. sect. *Caulopterae* DC. (Asteraceae) **Revista Brasileira de Biociências**, v. 7, n. 2, p. 225-228, 2009.
- SÉGUIER, J. de. **Dicionário prático ilustrado**. Porto: Lello & Irmão Editores, 1966, 1270 p.
- SMITH, A. W. **A gardner's handbook of plants names: their meanings and origins**. New York: Dover Publications, 1997, 408 p.
- SORIA, N. Las espécies aladas de *Baccharis* utilizadas como medicinales em Paraguay. **Rojasiana**, v. 1, n. 1, p. 3-12, 1993.
- STEARNS, W. T. **Botanical Latin**. 4. ed. Devon: David & Charles Book, 1992, 546 p.
- THEOPHRASTUS **Enquiry into plants**. Book I-V. Massachusetts: Harvard University Press, Cambridge, 1998, 230 p.
- TORRINHA, F. **Dicionário português-latino**. 2. ed. Porto: Editorial Domingos Barreira, 1939, 1229 p.
- VON MARTIUS, K. F. P. **Natureza, doenças, medicina e remédios dos índios brasileiros**. 2. ed. Brasília: Cia Editora Nacional/MEC, 1844, 183 p.